



EDUCAR PARA LA FELICIDAD

Antonio Salvador Jiménez Hernández
Johanna Alexandra Quiroga Carreño
Maribel Vergara Arboleda
Ingrid Catalina Castillo Contreras
Laura Silva Rivera

COORDINADORES

DYKINSON EBOOK

**Esta obra está bajo una licencia
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional**



© Los autores

Editorial DYKINSON, S.L. Meléndez Valdés, 61 - 28015 Madrid
Teléfono (+34) 91 544 28 46 - (+34) 91 544 28 69
e-mail: info@dykinson.com
<http://www.dykinson.es>
<http://www.dykinson.com>

ISBN: 978-84-1070-785-6

Maquetación:

Realizada por los autores

EDUCAR PARA LA FELICIDAD

Antonio Salvador Jiménez Hernández
Johanna Alexandra Quiroga Carreño
Maribel Vergara Arboleda
Ingrid Catalina Castillo Contreras
Laura Silva Rivera

COORDINADORES

Dykinson

AUTOPERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE O EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE EM CRIANÇAS ATÉ AOS 3 ANOS

Ana Cristina Santos Valente

Serviço de Pediatria/ULS Viseu Dão-Lafões, Portugal

Catarina Andreia Rosa Saraiva Marinho

Escola Superior de Saúde de Viseu/IPV; ULS Viseu Dão-Lafões

Luís Miguel Pereira Condeço

Escola Superior de Saúde de Viseu/IPV; CIIS; UICISA: E, Portugal

Isabel Bica

Escola Superior de Saúde de Viseu/IPV; CINTESIS@RISE; UICISA: E, Portugal

1. AUTOPERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE O EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE EM CRIANÇAS ATÉ AOS 3 ANOS

1.1. Enquadramento

O termo parentalidade, deriva do inglês *parenting* e é descrito como um conjunto de atividades realizadas pelos adultos de referência da criança, com o objetivo de promover a sua sobrevivência e o pleno desenvolvimento. Esses adultos são responsáveis por cuidar, estimular, educar, amar, impor limites, fortalecer a autonomia e preparar a criança para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades no presente e no futuro (Reticena et al., 2019). Dessa forma, a parentalidade envolve não apenas o atendimento das necessidades básicas da criança, mas também a preparação emocional, social e cognitivo para o futuro.

A parentalidade, enquanto dimensão fundamental da condição humana, consiste no processo pelo qual uma geração transmite às vindouras os valores, competências e atitudes necessários para a sobrevivência da espécie. Aos Pais (pai/mãe) é atribuída a responsabilidade de cumprir um conjunto de tarefas esperadas pela sociedade, que envolvem não apenas garantir a sobrevivência e segurança dos filhos, mas também promover um desenvolvimento harmonioso (Brazelton & Sparrow, 2006). Acrescentar o termo "positiva" à parentalidade pode parecer uma redundância, pois ser pai ou mãe é, em geral, visto como uma tarefa desejada e gratificante. A maioria dos que embarcam na jornada da parentalidade fá-lo com otimismo, embora compartilhem preocupações comuns — como educar crianças saudáveis e felizes num ambiente seguro, acolhedor e com o mínimo de conflitos. Dessa perspectiva, a

parentalidade é naturalmente positiva, e ter filhos representa o grande objetivo de vida para a maioria dos seres humanos (Lima, 2018).

A parentalidade positiva refere-se, assim, ao comportamento dos pais baseado nos melhores interesses da criança, garantindo uma relação afetuosa, fortalecedora e não violenta. Essa abordagem promove o reconhecimento da criança e oferece orientação adequada, com o estabelecimento de limites claros e flexíveis que favorecem o seu desenvolvimento integral (Reticena et al., 2019).

O conceito de parentalidade positiva define-se, segundo Tralhão e colaboradores (2020, p. 21), apoiados no Council of Europe (2008), como

Um comportamento parental baseado no Superior Interesse da Criança; fundado no respeito pelos seus direitos, que visa assegurar a satisfação das necessidades básicas, através da proteção dos riscos e da criação de um ambiente que promova o seu desenvolvimento harmonioso, valorize a sua individualidade (e especificidade) e autonomia". Este conceito é constituído por cinco dimensões como: i) as necessidades físicas da criança, ii) segurança da criança (proteção da saúde e cuidados na doença), iii) promoção e estimulação de comportamentos adequados ao desenvolvimento, iv) comunicação positiva, v) disciplina positiva. Estas dimensões têm como objetivo dar resposta às necessidades da criança e promover a promoção da saúde e capacitação.

De acordo com Lopes & Dixe (2012), nos primeiros três anos de vida os pais têm a oportunidade para facilitar o desenvolvimento dos filhos, recomendando-se a parentalidade positiva como estratégia para a prevenção de maus-tratos infantis. Os comportamentos parentais desejados, devem incidir nas necessidades físicas das crianças, na segurança, no desenvolvimento e estimulação da criança, na comunicação positiva, e na promoção do autocontrolo (Lopes & Dixe, 2012).

Neste sentido tornou-se pertinente conhecer a autoperceção dos pais de crianças com menos de três anos de idade sobre parentalidade positiva, e a relação entre as variáveis socioprofissionais e académicas.

1.2. Metodologia

Realizou-se um estudo quantitativo, transversal e descritivo-correlacional, numa amostra não probabilística por conveniência, constituída por 90 Pais (pai ou mãe) de crianças até aos três anos de idade a frequentar a creche/jardim-de-infância da

região Centro de Portugal que aceitassem participar na investigação, respeitando os pressupostos ético-legais.

1.2.1. Instrumento

O instrumento de recolha de dados englobou um questionário sociodemográfico e a Escala de Parentalidade Positiva (Lopes, 2012). O questionário sociodemográfico incluiu questões de caracterização geral do pai/mãe (*ad hoc*): idade, estado civil, habilitações literárias, residência, grau de parentesco com a criança, número de filhos e a idade. A Escala de Parentalidade Positiva é composta por três subescalas, e cada uma tem 30 itens e cinco dimensões que correspondem aos itens selecionados pelo autor, para a mensuração de três variáveis do exercício da parentalidade positiva. O mesmo item tem respostas tipo Likert em três colunas diferentes, sendo uma para a autoperceção da confiança dos Pais (coluna 1, Escala de Autoperceção da Confiança dos Pais no Exercício da Parentalidade Positiva - ECPPP), outra para a autoperceção das dificuldades dos pais (coluna 2, Escala de Autoperceção de Dificuldades dos Pais no Exercício da Parentalidade Positiva - EDPPP) e outra para a autoperceção da necessidade de conhecimentos dos Pais para o exercício da parentalidade positiva (coluna 3, Escala de Autoperceção da Necessidade de Conhecimentos dos Pais no Exercício da Parentalidade Positiva - ENCPPP). As respostas variam entre 1 (nada confiante) e 5 (muito confiante) para a coluna 1, entre 1 (nenhuma dificuldade) e 5 (muita dificuldade) para a coluna 2 e entre 1 (nenhuma necessidade de conhecimentos) e 5 (muita necessidade de conhecimentos) para a coluna 3 (Lopes, 2012). A análise da sua fidedignidade e validade, foi realizada através de correlações de Pearson e coeficiente alfa de Cronbach, que demonstrou que as dimensões e os itens têm valores de α situados entre 0,769 e 0,890 e os de r foram $>0,37$ ($p < 0,01$). Deste modo, a autora concluiu que as escalas medem três variáveis que operacionalizam o exercício da parentalidade positiva e a sua utilização possibilita direcionar os cuidados de enfermagem (Lopes, 2012).

1.2.2. Procedimentos

A colheita de dados realizou-se de acordo com os preceitos éticos e deontológicos pré-estabelecidos. Deste modo, para a realização deste estudo foi obtido parecer positivo da Comissão de Ética do Instituto Politécnico de Viseu, (56/SUB/2021), e a autorização das creches e jardins-de-infância da região Centro de Portugal. A informação recolhida pelo instrumento aplicado foi anónima, voluntária e confidencial.

O tratamento estatístico, para análise descritiva e analítica dos dados, foi realizado com recurso ao software IBM SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences, versão 26 para Windows).

Para além da estatística descritiva, realizou-se também a estatística inferencial: *Teste de U Mann Whitney* usado para amostra independentes, pois permite fazer a comparação de médias de uma variável quantitativa em dois grupos de sujeitos diferentes e quando se desconhecem as respetivas variâncias populacionais; *Kruskall Wallis*, teste usado para a comparação de médias de uma variável quantitativa em três ou mais grupos de sujeitos diferentes (Mároco, 2021). Em todos os testes, os valores de significância considerados foram 5% ($p < 0.05$).

1.3. Resultados

1.3.1. Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por 86% mães e 14% pais, com filhos com idade compreendida entre os nove e os 42 meses, com uma média de $26,33 \pm 9,87$ meses, com destaque para os que possuem entre 12-24 meses (47,8%) e mais de 24 meses (43,3%).

A idade da mãe oscilou entre 26 e 44 anos, correspondendo a uma média de $36,01 \pm 3,98$ anos. Quanto à idade do pai variou entre os 26 e 49 anos, com uma média de $37,30 \pm 4,98$ anos.

Pela análise dos dados constatou-se que prevalecem os Pais com idade superior aos 35 anos (mãe 57,5% vs. pai 64,8%), e casados ou em união de facto (mãe 81,4% vs. pai 80,5%). Relativamente às qualificações académicas, nas mães, sobressaem as que completaram o ensino secundário (40,7%), seguindo-se as que possuíam mestrado (36,0%), enquanto nos pais, com igual valor percentual (34,5%, respetivamente), a maior parte possuía o 3.º ciclo do ensino básico e a licenciatura. Verificou-se que a amioria das mães (86,0%) estava empregada a tempo integral, o que é análogo à maioria dos pais (93,1%). Tanto as mães (86,0%) como os pais (86,2%), residiam em meio urbano. Quem respondeu ao questionário, na sua maioria (93,3%) foram as mães das crianças. No que se refere ao número de filhos, 50,6% das mães referem que a criança é filha única, enquanto os pais possuem mais filhos (69,0%).

1.3.2. Exercício da parentalidade positiva

Na Tabela 1 apresenta-se os dados das dimensões da ECPPP. A dimensão autoperceção das dificuldades é a que apresenta um valor médio mais elevado ($M=109,32\pm 25,53$), seguindo-se a autoperceção das necessidades de conhecimentos ($M=108,89\pm 23,98$), sendo a dimensão autoperceção da confiança a que apresenta um valor médio ligeiramente mais baixo ($M=104,99\pm 31,85$).

Tabela 1. *Exercício da parentalidade positiva*

Exercício da parentalidade positiva	N	Min	Max	Média	DP (\pm)
Autoperceção da confiança		8	137	104,99	31,85
Autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade positiva	90	33	141	109,32	25,53
Autoperceção da necessidade de conhecimentos		44	142	108,89	23,98

1.3.3. Relação entre as características socioprofissionais e académicas dos Pais (mãe e pai) e o exercício da parentalidade positiva

Face aos resultados, apurados, constatou-se que a idade da mãe e do pai não interferiram no exercício da parentalidade positiva. O estado civil da mãe tem interferência significativa na autoperceção da confiança no exercício da parentalidade positiva ($p=0,025$), destacando-se as mães solteiras, sendo estas as que apresentaram valores de ordenação média mais elevados na autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade positiva e da necessidade de conhecimentos.

Verificou-se, existir significância estatística entre as habilitações literárias da mãe e a autoperceção que estas tinham acerca do exercício da parentalidade positiva, com valores de $p<0,05$ nas três dimensões. Quando analisados os valores de ordenação média, constatou-se que as mães com o 2.º ciclo do ensino básico apresentaram valores mais elevados na autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade positiva e da necessidade de conhecimentos, sendo as que possuíam o 3.º ciclo do ensino básico as que detinham uma pontuação mais elevada na autoperceção da confiança.

Registaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações literárias do pai e a autoperceção da confiança, onde sobressaíram os pais com o doutoramento, e a autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade

positiva, onde o valor de ordenação média mais elevado correspondia aos pais com o 2.º ciclo do ensino básico.

A situação profissional da mãe teve relevância estatisticamente significativa na autoperceção da necessidade de conhecimentos ($p=0,031$), nas mães desempregadas. Para os pais as diferenças estatisticamente significativas ($p=0,021$) foram encontradas entre a autoperceção da confiança e os pais empregados a tempo parcial.

1.4. Discussão

Em relação ao objetivo proposto para esta investigação, que pretendia averiguar a relação entre as características socioprofissionais e académicas dos Pais e o exercício da parentalidade positiva, constatou-se que há relação entre o estado civil da mãe, as habilitações literárias e a situação profissional dos Pais e a parentalidade positiva.

As mães solteiras revelaram mais autoperceção da confiança no exercício da parentalidade positiva, maior autoperceção das dificuldades ao nível da necessidade de conhecimentos. As mães que completaram o 2.º ciclo do ensino básico apresentaram valores mais elevados na autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade positiva e a necessidade de conhecimentos e as que possuíam o 3.º ciclo do ensino básico tiveram uma pontuação mais elevada na autoperceção da confiança.

Os pais com mais autoperceção da confiança foram os que tinham o doutoramento e os que possuíam o 2.º ciclo do ensino básico tinham maior autoperceção das dificuldades no exercício da parentalidade positiva.

No estudo de Lopes (2012), as diferenças no exercício da parentalidade incidiram sobretudo entre os participantes (pai e mãe) com o ensino básico e os que possuíam o ensino superior para todas as dimensões. As diferenças mais significativas ocorreram na perceção das dificuldades nas dimensões segurança entre os participantes com o ensino básico incompleto e os participantes com ensino superior e na comunicação positiva entre os participantes com o ensino básico e os participantes com ensino superior. Dados que vêm de encontro aos verificados no presente estudo. Gallegos e colaboradores (2020) e Butler e colaboradores (2020) referem que, independentemente das características sociodemográficas dos pais,

estes influenciam fortemente as primeiras experiências de vida de uma criança e a trajetória do seu desenvolvimento cognitivo, emocional, comportamental e social ao longo da vida.

O apoio aos pais para encararem os desafios da parentalidade ao nível dos cuidados à criança é considerado uma forma de investimento social. Evidências substanciais sugerem que as intervenções parentais, frequentemente baseadas nos princípios da teoria da aprendizagem social, têm potencial na promoção da parentalidade positiva melhorando a saúde e o bem-estar de pais e filhos (Lopes, 2012). O estudo realizado por Butler e colaboradores acrescenta que os programas de transição para a parentalidade são eficazes na melhoria da saúde mental dos Pais, no seu funcionamento psicossocial e melhoria dos resultados educacionais, emocionais e comportamentais entre as crianças, num ambiente de parentalidade positiva (Butler et al., 2020).

1.5. Conclusão

É importante o envolvimento dos Pais em programas de educação parental positiva, uma vez que estes são os primeiros e os mais influentes educadores da criança. Estes programas devem promover o *empowerment* dos Pais ao nível das necessidades físicas da criança, a sua segurança, desenvolvimento, comportamento e estimulação, comunicação positiva e disciplina positiva, ou seja, proporcionar-lhes experiências de aprendizagem para os apoiar na sua missão como Pais de uma forma mais eficaz. Sugere-se uma maior aposta em intervenções relacionadas com programas de promoção de práticas parentais positivas e intervenções que envolvam atividades Pais-crianças.

1.6. Referências bibliográficas

Brazelton, T.B., & Sparrow, J.D. (2006). *Touchpoints: Birth to Three: Your child's emotional and behavioral development*. Da Capo Lifelong Books.

Butler, J., Gregg, L., Calam, R., & Wittkowski, A. (2020). Parents' perceptions and experiences of parenting programmes: A systematic review and metasynthesis of the qualitative literature. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 23(2), 176–204. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00307-y>

Council of Europe. (2008). *Parenting in contemporary Europe: A positive approach*. Council of Europe Publishing.

- Lima, I. M. (2018). *Promover a parentalidade positiva – o triple P em Portugal*. [Paper]. VI Seminário Internacional Cognição, Aprendizagem e Desempenho Instituto de Educação, Universidade de Minho, Portugal. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117087/2/289945.pdf>
- Lopes, M. S. (2012). Apoiar na parentalidade positiva: áreas de intervenção de enfermagem [Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati – Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/10563>
- Lopes, M. S., & Dixe, M. A. (2012). Exercício da parentalidade positiva pelos pais de crianças até três anos: construção e validação de escalas de medida. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 20(4), 787-795. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000400020>
- Marôco, J. (2021). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (8ª Ed.). ReportNumber.
- Reticena, K. O., Yabuchi, V., Gomes, M., Siqueira, L. D., Abreu, F., & Fracoli, L. A. (2019). Role of nursing professionals for parenting development in early childhood: a systematic review of scope. *Revista latino-americana de enfermagem*, 27, e3213. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3031.3213>
- Tralhão, F., Rosado, A., Gil, E., Amendoeira, J., Ferreira, R., & Silva, M. (2020). *A família como promotora da transição para a parentalidade*. *Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 8(1), 17-30.